

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NO JOGO DAS CONQUISTAS: UM ESTUDO SOBRE O CADERNO VESTIBULAR/ZH

Roberto Rafael Dias da Silva¹

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados parciais de uma investigação em Educação, que opera com a perspectiva de que é no jogo do liberalismo contemporâneo, no qual as relações entre trabalho e educação são lidas em uma lógica empresarial, que os sujeitos estudantes universitários passam a constituir-se desde um conjunto de estratégias articuladas a uma dinâmica concorrencial, de forma que o estar na universidade começa a ser entendido como uma conquista individual, pois, nesta ordem, os sujeitos tornam-se os responsáveis pelo seu sucesso ou seu fracasso no mercado de trabalho. O caderno Vestibular/ZH é um dos espaços que potencializa e visibiliza algumas dessas estratégias de governo dessa população.

Palavras-chave: Governamentalidade neoliberal. Estudantes universitários. Vestibular/ZH.

ABSTRACT

This article presents partial results of an investigation into Education field concerning the game of liberalism perspective, in which the relations between work and education are read in business logic. The higher Education students constitute a set of strategies articulated to a competitive dynamic, so being at the university is understood as an individual achievement. In this order, the subjects become responsible for their success or failure in the labor market. The book Vestibular/ZH is one of the areas that potentiates and enables some of these government strategies.

Keywords: Neo-liberal Governmentality. University students. Vestibular/ZH.

O presente artigo é parte do trabalho de investigação que venho desenvolvendo no Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), junto à linha de pesquisa Currículo, Cultura e Sociedade. A temática dessa pesquisa refere-se ao processo de constituição de sujeitos universitários, tomando como preferência analítica os discursos que circulam nas capas dos cadernos “Vestibular/ZH”, suplemento publicado semanalmente pelo Jornal Zero Hora, endereçado aos estudantes que aspiram ao ingresso na universidade.

Do ponto de vista metodológico, tenho considerado esses materiais como *monumentos* (FOUCAULT, 2007), pois, ao compreender a cultura como um *lugar enunciativo* (BHABHA, 2001), entendo que podem ser lidos em seu volume e em sua exterioridade, diferentemente de um entendimento destes materiais como *documentos*, que possivelmente os lançariam para uma interioridade ou a algum sentido subjacente, ou mesmo postulariam estratégias de interpretação de algo que estivesse à nossa espera nas realidades que investigamos.

Estes monumentos que emergem nas tramas enunciativas das culturas de nosso tempo produzem efeitos na constituição de sujeitos específicos, seja pelos saberes que mobilizam, seja pelos poderes que potencializam. Considerarei que, ao operar na fabricação de sujeitos universitários, os cadernos Vestibular/ZH também inventam pedagogias específicas, catalisando efeitos pedagógicos pelas próprias tecnologias que engendra. Estas pedagogias, entendidas contemporaneamente como culturais (STEINBERG; KINCHELOE, 2001), multiplicam-se em efeitos nos processos educativos dos estudantes que interagem com estes

¹Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS. Bolsista da CAPES.

materiais, assim como produzindo ressonâncias para os currículos escolares. Considero que esta produção de ressonâncias mobiliza-se desde o entendimento de que os currículos escolares, desde as condições históricas em que estão imersos, *produzem “os sujeitos de que falam, os indivíduos que interpelam. O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades”* (SILVA, 2006, p. 12).

Para fins deste artigo, fui desafiado a problematizar os modos como esses sujeitos universitários são constituídos nos/pelos enunciados que se movimentam por entre as capas desse caderno. Ao se propor a ensinar modos de ser, viver, estudar e trabalhar como um universitário, Vestibular/ZH institui práticas que regulam o campo de ação destes sujeitos e tende a colocá-los em posições estabelecidas, marcadas por um cenário em que talvez se experiencie a emergência de uma reconfiguração das sociedades disciplinares (FOUCAULT, 2007b), ou talvez, mais enfaticamente, pelas condições de uma sociedade de controle (DELEUZE, 2007). Parto da perspectiva de que os tempos contemporâneos, em suas tramas de trabalho e de educação, são marcados pelas novas nuances do liberalismo, em suas amplas potencialidades de governar. Assim, o liberalismo pode ser visto não articulado a uma filosofia política ou a uma tendência no campo da economia, mas desde uma perspectiva foucaultiana, como “um refinamento da arte de governar, em que o governo, para ser mais econômico, torna-se mais delicado e sutil, de modo que ‘para governar mais, é preciso governar menos’” (VEIGA-NETO, 2000, p. 186). Com isso, pretendo operar com a perspectiva de que a constituição de um sujeito universitário na contemporaneidade ocorre desde as múltiplas mediações das mídias, neste caso o caderno Vestibular/ZH, pois a mídia faz parte da rede discursiva que sustenta e coloca em circulação estratégias de governamentalidade, isto é, dispara ações que potencializam a ação do Estado.

Ao operar com o conceito de governamentalidade, não quero argumentar que ocorram ações verticais sobre as subjetividades dos sujeitos universitários. Antes disso, ao tomar os cadernos Vestibular/ZH como materialidade investigativa, desafio-me a olhar para esses materiais e interrogar o presente, ou melhor, as condições que fazem com que seus enunciados se façam problemáticos neste tempo. Logo, não tento buscar o que Vestibular/ZH postula aos seus leitores, nem conseqüentemente marcar um lugar de crítica a uma nefasta indústria cultural, tal como postulariam os entendimentos das teorizações críticas. Apenas tomo este produto da mídia contemporânea enquanto espaço enunciativo, no qual se multiplicam enunciados acerca do constituir-se universitário nas tramas do contemporâneo.

Enfim, neste breve texto, defendo a perspectiva de que, no jogo do liberalismo contemporâneo, no qual as relações entre trabalho e educação passam a ser lidas em uma lógica empresarial, os sujeitos estudantes

universitários passam a constituir desde um conjunto de estratégias articuladas a uma dinâmica concorrencial, no qual o estar na universidade passa a ser lido como uma conquista individual, pois, nesta ordem, os sujeitos tornam-se os responsáveis pelo seu sucesso ou seu fracasso no mercado de trabalho. O caderno Vestibular/ZH é um dos espaços que potencializa e visibiliza estas estratégias de governo desta população. Organizei este texto em duas seções: uma primeira, na qual procuro mostrar como a conquista, em um sentido individualizante, passa a ser enunciada nas tramas da educação universitária contemporânea; uma segunda seção onde aponto como estas noções de conquista são engendradas desde o jogo do neoliberalismo, fazendo emergir um “Universitário S/A”, um administrador de si na ordem da regulação do mercado.

A CONQUISTA É DE SUA RESPONSABILIDADE!

Um dos enunciados emergentes das análises das vinte capas dos cadernos Vestibular/ZH que constituem esta investigação é a forma como o ingresso na universidade é caracterizado como uma conquista. Conquista apontada não apenas como sedução, merecimento ou vitória em uma jornada. Mas conquista em um **sentido concorrencial**, objeto de uma ação disputada e vencida contra alguém. Mais especificamente, essa dinâmica concorrencial é constituída em um sentido bélico, na possibilidade de ganhar a qualificação e o espaço no mercado de trabalho. Para tanto, algumas situações, dentre outras possíveis, podem ser visibilizadas nos discursos que emergem da exterioridade desse material: estar na universidade é uma conquista somente possível para quem estuda de verdade; essa conquista constitui-se como produto de esforço e de treinamento constantes e emerge ligada às oportunidades. De imediato, é possível notar os modos como a idéia de conquista é produzida, fazendo com que os próprios estudantes sejam responsabilizados por ela.

O sociólogo Zygmunt Bauman (1998) tem argumentado que este processo de individualização das responsabilidades acerca do desempenho e do mérito tem uma história relativamente recente. No período do Estado de Bem-estar Social, em que os empregos eram duradouros e o futuro poderia ser planejado devido à estabilidade das relações de trabalho, “a indústria proporcionava trabalho, subsistência e segurança à maioria da população” (BAUMAN, 1998, p. 51). Ao Estado cabia a função de garantir os meios de manter a população empregável e, nos curtos períodos de desemprego, arcar com os custos sociais. Entretanto, as mudanças ocorridas nas últimas décadas fizeram com que essa configuração de Estado fosse tomada como “uma ameaça aos contribuintes”, sob a alegação de que não era mais possível custeá-la. Em face disso, o Estado altera sua posição e delega suas responsabilidades, transferindo-as para os próprios sujeitos.

Recusa a responsabilidade por sua má sorte – exatamente como abandonou a antiga tarefa da “reacomodação” da mão de obra. Não há mais seguro coletivo contra os riscos: a tarefa de lidar com os riscos coletivamente produzidos foi privatizada (idem, p. 52).

Considero que são essas paisagens de privatização das responsabilidades que dão condições de possibilidade para que esse enunciado possa circular. O estar na universidade é enunciado como uma conquista em um tempo-espaço marcado pela individualização das responsabilidades. A idéia de conquista não apenas responsabiliza os leitores de Vestibular/ZH, como os interpela, capturando-os a entrarem no jogo individual da busca pelo sucesso no mercado de trabalho. Dessa perspectiva, a conquista do ingresso em um curso superior pode conectar-se com a

noção de consumo, na medida em que não são quaisquer cursos que ganham visibilidade nas capas do suplemento analisado. “Ao contrário do processo produtivo, o consumo é uma atividade inteiramente individual. Ele também coloca os indivíduos em campos opostos, em que freqüentemente se atacam” (idem, p. 54). A própria noção de formação universitária, ao ser tratada no jogo da conquista, faz da economia o saber constitutivo das relações sociais, pois o que importa consideravelmente é uma relação de custo-benefício: fazer um curso superior toma a condição de ser um “investimento em si mesmo”.

Retomando a produtiva presença desse enunciado, aponto que a apresentação do estudante universitário como um vitorioso, um conquistador, ou mesmo aquele que ultrapassa os adversários, tem irrompido, em Vestibular/ZH, com uma relativa recorrência no período em análise. O fragmento 1 traz um primeiro campo de visibilidade para esse enunciado.

Fragmento 1:

Como fez o **Internacional**, milhares de vestibulandos pretendem **conquistar um título inédito** em menos de 20 dias: o de estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (**UFRGS**). Então, será preciso seguir a receita do Inter. **Como todo campeão**, a equipe não poupou **treinamento**. Fernandão (na foto, à direita) treinou pênaltis exaustivamente na quinta-feira, três dias antes da **partida final**. No mesmo instante, alunos do **Unificado** (à esquerda) assistiam a aulas em Porto Alegre. Uma situação normal de quem se prepara para uma **disputa acirrada**. (Edição 531).

Nesse fragmento, a idéia de conquista aparece vinculada a um clube de futebol do Estado do Rio Grande do Sul, o Internacional. Este clube, na semana em que esta capa foi veiculada, obteve o título de campeão mundial interclubes, um título de repercussão e representatividade em todo o mundo. Fernandão, capitão da equipe, teve uma construção midiática ligada à noção de liderança vitoriosa, sendo um dos principais responsáveis por aquele título. A essa grande conquista da equipe de futebol, Internacional, Vestibular/ZH comparou, estrategicamente, com o processo vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o mais concorrido do estado. Nessa

aproximação, conquista no futebol e vestibular, o caderno apontou que é o treinamento o caminho para as conquistas. Um estudante que treine “de verdade”, vencerá essa disputa acirrada, como é caracterizado o ingresso em uma universidade pública. Está dito que o que faz a diferença é cursar o pré-vestibular Unificado, silenciam-se as condições oferecidas por um bom curso de ensino médio.

Uma outra perspectiva aproximada da idéia de conquista está ligada ao mercado de trabalho, entendido, nesse fragmento, no sentido de produtor de oportunidades.

Fragmento 2:

Oportunidade e mercado promissor era o que a estudante procurava. **E não foi difícil** encontrar entre as **engenharias**. Naquele ano, o **grupo Gerdau** passou a oferecer **quatro bolsas** anuais aos **primeiros colocados** no Vestibular para o curso de Engenharia Metalúrgica.

- **Estudei muito para ficar entre os quatro**. Gostava de matemática – conta a executiva da Gerdau. (Edição 514).

Uma aproximação entre conquista e oportunidade é aparentemente natural. Afinal, para toda conquista espera-se uma conjunção de oportunidades. Neste caso, procuro mostrar que tal relação emerge marcada

por outras interfaces, em especial os indicativos de um mercado promissor. Ou seja, a conquista somente será completa, se o mercado de trabalho o estiver esperando. Escolher um curso superior passa, então,

inevitavelmente, pelas possibilidades abertas pelo mercado, em especial aquelas ligadas às empresas internacionais. No que se refere a esse mercado promissor, o fragmento nos mostra uma sutil preferência por áreas tecnológicas, no caso, a engenharia, e um privilégio por algumas áreas do conhecimento, aqui, a matemática. Talvez esse pequeno excerto nos mostre que a conquista tem um endereço, que fica bastante próximo das demandas promissoras do mercado. Não

se conquista nada aleatoriamente, não é possível se tornar um empreendedor autonomamente: há um regime de verdade que posiciona, valida e consolida suas perspectivas de conquista.

A conquista também é apresentada como realização pessoal, o alcance de um sonho planejado durante um bom tempo. Entretanto, esse sonho consumado tem um preço, medido por horas de estudo e trabalho psicológico.

Fragmento 3:

Para Thiago, o **sonho consumado** agora com a **vaga no ITA** foi o **prêmio** para cinco anos de preparação, que consumiram mais de 12 horas de **estudos diários** e **trabalho psicológico**.

- Tem de ter muita **força** para manter a **rotina pesada** de estudos e a calma na hora da prova. O **apoio da família**, dos amigos e dos professores foi fundamental – diz Thiago. (Edição 535).

Ser aprovado em um vestibular de uma grande universidade tecnológica é uma grande conquista. Thiago, estudante gaúcho aprovado para o vestibular do ITA, foi apresentado, pela edição do caderno Vestibular/ZH de 10 de janeiro de 2007, como um modelo a ser seguido. Uma das imagens que compõem essa capa mostra um jovem branco, usando óculos, com um sorriso nos lábios e vestindo uma camiseta com a logomarca de um curso pré-vestibular, segurando, em cada uma de suas mãos, uma pilha de livros, cadernos e apostilas de estudo. Ao fundo da fotografia aparece supostamente a sua casa, cercada com grades. No portão, está afixada uma faixa parabenizando-o: “Valeu Thiago! UFA! Parabéns pela Aprovação no ITA e no IME/2007. Homenagem da tua família pelo teu esforço, dedicação e perseverança”. Esse jogo de perseverança, esforço e dedicação é apresentado na manchete desta edição com um nome: conquista. A noção de conquista, com seu caráter individualizante, tem sido visibilizada próxima às questões de treinamento, esforço, oportunidade, mercado promissor e de sonho realizado. O que mostrarei, na próxima seção, é que este jogo da conquista visibilizado no caderno Vestibular/ZH tem sua produção enredada nas tramas do liberalismo contemporâneo. Essas tramas podem ser lidas tomando como fio condutor as noções de governamentalidade em Michel Foucault (2007).

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NAS TRAMAS DO NEOLIBERALISMO

Procurando historicizar rapidamente as noções de governo, poderíamos notar que sua compreensão ultrapassa o registro de um Governo de Estado, pois essa prática é diluída pelos vários espaços sociais: o governo na casa, o governo na família, o governo na escola. Examinando esse conceito desde uma perspectiva foucaultiana, vê-se que, na Modernidade, ocorreu um deslocamento do espaço deste exercício de poder: não se seguia um modelo de soberania em que prioritariamente se

administrava um território, mas emerge um modelo governamental no qual a população passa a ser o alvo (FOUCAULT, 2007b). Este deslocamento, aparentemente simples, evidencia uma nova forma de governar, apontada por Foucault desde a literatura anti-Maquível:

[...] a definição do governo não se refere de modo algum ao território. Governam-se coisas. Mas o que significa esta expressão? Não creio que se trate de opor coisas a homens, mas de mostrar que aquilo a que o governo se refere é não um território e sim um amplo conjunto de homens e coisas (FOUCAULT, 2007b, p. 282).

Ao operar neste registro, não estou dizendo que não exista um governo de Estado, apenas digo que ele faz mais que gerir um território. Ou, de forma mais enfática, talvez estejamos assistindo a uma “governamentalização do Estado”, uma multiplicação das atividades de governo do Estado conduzidas por uma racionalidade governamental. Essa racionalidade é explicitada, quando o Estado “descobre a economia e faz da população o seu principal objeto” (VEIGA-NETO, 2000, p. 181). Em face disso, podemos notar que ocorreu uma progressiva estatização das ações de governo, fazendo um outro uso do próprio poder. “Assim, é graças ao seu caráter microscópico e 'pervasivo' que o poder se torna quase invisível e, por isso, ainda mais efetivo” (VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p. 952).

Com esse entendimento mais microscópico do poder, que tende a mostrar que as práticas de governo são mais sutis, pois “gerir a população significa geri-la em profundidade, minuciosamente, no detalhe” (FOUCAULT, 2007b, p. 291), começo a utilizar o conceito de *governamento* para me referir a essas práticas mais minuciosas.

[...] parece-nos mais apropriado usarmos a palavra *governo*, e não *governo*, para designar todo o conjunto de ações de poder que objetivam conduzir (*governar*) deliberadamente a própria conduta ou a conduta dos outros ou, em outras palavras, “que visam estruturar o eventual campo de ação dos outros” (Foucault, 1995, p. 244). Com isso, deixamos a palavra *governo* para designar tudo o que diz respeito às instâncias centralizadoras do Estado e usamos *governo* para designar todo o conjunto de ações – dispersadas, disseminadas e microfísicas do poder – que objetivam conduzir ou estruturar as ações (VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p. 952).

De agora em diante, posicionando-me junto a esses entendimentos de *governo*, chego até o conceito de *governamentalidade*, que, indiretamente, tentei ir mostrando no jogo das capas do Caderno Vestibular/ZH. Por *governamentalidade*, estou considerando uma multiplicidade de práticas de *governo*, que tomam como alvo uma população e tomam os saberes da economia como estratégias de ação. De forma mais clara, valho-me da explicação de Foucault (2007b), ao cunhar este conceito, ainda que a citação seja mais uma vez longa:

Com essa palavra quero dizer três coisas:

1. O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permite exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.
2. A tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de *governo*,¹⁰ sobre todos os outros – soberania, disciplina etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de *governo* e de um conjunto de saberes.
3. O resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco *governamentalizado* (FOUCAULT, 2007b, p. 291-292).

Tomando a *governamentalidade* como um conjunto de práticas de *governo* e que ela se dá no detalhe, minuciosamente, podemos considerar o liberalismo como um dos modos de pensar as estratégias de *governo*. Insisto que tomo o liberalismo não como uma doutrina política ou econômica, mas como um conjunto de práticas que se dá em dois níveis: no nível do sujeito e no nível da população (VEIGA-NETO, 2000).

De forma mais simples, pode-se argumentar que esta racionalidade liberal é impulsionada por um racionalismo econômico extremo, “que vê o mercado não apenas como um mecanismo superior de alocação para a distribuição de recursos públicos escassos, mas também uma forma superior de economia política” (PETERS, 2002, p. 212).

Ao longo das últimas décadas, esses modelos de Estado têm entrado em crise, sejam em suas vertentes socialistas, sejam em suas possibilidades ligadas ao Estado de Bem-Estar Social. Governava-se demasiadamente, o que se considerou como uma prática anti-econômica e bastante trabalhosa. Estamos assistindo, então, a uma reconfiguração das formas de *governamentalidade* marcadas por um refinamento de suas estratégias. O novo liberalismo, neoliberalismo, numa perspectiva foucaultiana, “consiste no deslocamento e na utilização de técnicas de *governo* que visam fazer com que o Estado siga a lógica da empresa, pois transformar o Estado numa empresa é muito mais econômico – rápido, fácil e lucrativo” (VEIGA-NETO, 2000, p. 198).

De maneira a concluir essas argumentações, afirmo que é no contexto desse novo liberalismo que é constituído o sujeito universitário visibilizado pelos enunciados de Vestibular/ZH. Um universitário produtivo economicamente, capaz de administrar sua vida pessoal e profissional em uma lógica empresarial, uma lógica de mercado. Esse sujeito toma a si mesmo como alvo de investimentos capazes de potencializá-lo, para se manter ativo no mercado de trabalho. O sujeito produzido e produtivo, nessas paisagens neoliberais, “é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor fazendo suas próprias escolhas e aquisições” (idem, p. 199-200). As produtivas relações entre trabalho e educação passam a ser lidas em um registro empresarial, em que conceitos como flexibilidade, empreendedorismo ou realização pessoal dão corpo a essas novas discursividades. Com isso, apresento que, neste jogo das conquistas, tramado pela *governamentalidade* neoliberal como fio condutor, o sujeito universitário é interpelado a produzir-se individualmente em uma cultura de empresa: *Universitário S/A!*

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- DELEUZE, Gilles. Política. In: _____, **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2007, p.209-226.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Trad. Luís Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.**

Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007a.

_____. A governamentalidade. In: **Microfísica do Poder.** Organização de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007b, p. 277-293.

PETERS, Michael. Governamentalidade neoliberal e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 211-224.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **Cultura Infantil:** a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera (orgs.). **Retratos de Foucault.** Rio de Janeiro: Nau, 2000, p. 179-217.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Inclusão e Governamentalidade. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, 2007, p. 947-963.